

LOCUS DE CONTROLE: UMA ESCALA DE AVALIAÇÃO¹

Jorge La Rosa *Universidade Federal do Rio Grande do Sul*

RESUMO - O objetivo da pesquisa foi construir uma escala de *locus* de controle. Foram realizados três estudos com alunos do 1º, 2º e 3º graus, de ambos os sexos e de níveis sócio-econômicos médio, alto e baixo. Estudo 1: Identificação de reforçadores e fontes de controle. Participaram 227 sujeitos aos quais se aplicou um questionário que permitiu a identificação de seus reforçadores, os quais foram agrupados em cinco áreas: escolar, do trabalho ou ocupacional, emocional, recreativa e satisfação de necessidades básicas. As fontes de controle encontradas foram: pessoal, outros indivíduos do círculo de relações, organizações, Estado, governo, políticos, poder econômico, sociedade, sorte, Deus. Estudo 2: Construção das escalas e aplicação-piloto a uma amostra de 521 estudantes. As escalas foram construídas a partir dos resultados do Estudo 1: internalidade instrumental, alienação sócio-política ou controle por poderosos do macro sistema social, sorte e controle por poderosos do micro sistema social. O instrumento constou de 61 itens, cujas respostas se davam em uma escala de tipo *Likert*. Os dados foram submetidos à análise fatorial de componentes principais, realizando-se rotação varimax. Os resultados da análise comprovaram, empiricamente, a existência dos fatores hipotetizados.

Estudo 3: Segunda aplicação das escalas a uma amostra de 1.008 estudantes. Diversos itens foram substituídos. A análise fatorial comprovou, uma outra vez, a existência das dimensões previstas. Os quatro primeiros fatores explicaram 45,2 por cento da variância e os alphas (de Cronbach) encontrados foram: internalidade instrumental: 0,86; alienação sócio-política: 0,88; sorte: 0,83; controle por poderosos do micro sistema social: 0,78. Os resultados são comparados com trabalho semelhante realizado na cidade do México, pelo autor, e com escalas estadunidenses. Propõe-se a elaboração de um perfil do indivíduo, e não uma tipologia interno/externo. Palavras-chave: *locus* de controle, escalas, psicometria.

LOCUS OF CONTROL AN EVALUATION ESCALE

ABSTRACT - The research was aimed to construct a locus of control scale. Three studies were conducted with students of elementary school,

1. Pesquisa realizada com apoio do CNPq. O autor agradece a participação de Bettina Steren dos Santos, bolsista de iniciação científica. Endereço: Av. Iguazu, 300, ap. 702,90430 - Porto Alegre, RS.

high school, and college. The subjects were of both sexes and of high, middle, and low socioeconomic status.

Study 1. A total of 227 students answered a questionnaire about their reinforcements and the reinforcements' sources of control. The reinforcements were gathered in five áreas: academic, occupational, emotional, recreational and basic needs' satisfaction. The sources of control were: personal, significant personal relations, organizations, state, government, politicians, economic power, society, luck, God. Study 2. The results of Study 1 provided the basis for Study 2. Four scales were administered to 521 students: instrumental internality, sociopolitic alienation or control by macro social system, luck, and control by micro social system. The instrument included 61 items in a Likert type scale. The data were submitted to factor analysis (varimax rotation). The results of factor analysis supported empirically the existence of the expected factors.

Study 3. The scales were administered to 1008 students. Some items were replaced. The results of factor analysis gave empirical support for the expected dimensions. The first four factors explained 45,2 percent of variance and the Cronbach's Alphas were: instrumental internality: 0,86; sociopolitical alienation; 0,88; luck: 0,83; control by micro social system: 0,78. The results are compared with previous research conducted by the author in México City. The results are also compared with U.S. scales. As a conclusion of the study the author proposes the elaboration of an individual's profile and not an internal-external tipology. Key-words: locus of control, scales, psychometry.

Um desafio permanente é a compreensão das relações homem-mundo, entendendo-se por mundo a totalidade física e social. O homem é um ser-no-mundo, na expressão de Heidegger, o que significa que dele depende para a sua sobrevivência: depende de espaço físico para sua movimentação e depende dos outros homens para o desenvolvimento de sua humanidade.

O espaço físico, na sua radicalidade, é dado. E anterior ao homem e lhe serve de *habitat*. O homem age sobre o espaço físico e o modifica para a consecução de seus fins, e interage com os outros homens, constituindo a sua humanidade.

É a relação homem-mundo que se percebe como dialética. O mundo é anterior ao homem, fixa-lhe os limites e impõe restrições. O homem, graças à sua inteligência, e respeitados os limites, modifica o mundo, humanizando-o.

A ação humana não é onipotente, quer dizer, ela ocorre dentro de coordenadas marcadas pela finitude. O homem, por outro lado, é um ser dotado de poder: ele se constitui a si mesmo construindo o mundo.

É em tal referencial que inserimos a concepção do constructo *locus* de controle.

Nossos estudos (La Rosa, 1985; 1986; 1988) e experiência com o constructo *locus* de controle têm indicado uma direção que acena para a construção de um perfil do indivíduo, quer dizer, espelha a pontuação do sujeito nas diversas escalas, dada a multidimensionalidade do constructo (Collins, 1974; Gurin, Gurin, Lao e Beattie, 1969; Levenson, 1973; Lefcourt, 1981; 1983; 1984).

Outro aspecto a considerar é que o indivíduo pode relacionar o comportamento com resultados em determinada área, mas não em outra, o que pode significar uma alta pontuação em internalidade naquela área e baixa na outra.

Um terceiro aspecto a que chamamos a atenção é que uma escala se constitui de um número limitado de itens, cobrindo alguns poucos aspectos da realidade. Classificar o indivíduo a partir de tais resultados, além de não ser científico (e já seria o suficiente), pode conduzir à rotulação e produzir o que Sartre denunciava em todo o processo: o imobilismo. Rotular é um processo para dominar, para se apossar, para cristalizar o outro. "O inferno são os outros" quando rotulam... (Sartre, 1945).

Rollo May (1973), em *Psicologia e Dilema Humano*, adverte para a excessiva simplificação praticada por certos psicólogos quando classificam prematuramente ou diagnosticam. O capítulo primeiro apresenta o diálogo do psicólogo com São Pedro, quando de sua partida deste mundo. É uma análise que vale a pena ser lida.

Ao apresentar à comunidade científica a escala de *bcus* de controle, o fazemos tendo presente o que foi dito até agora:

1. os resultados da aplicação da escala não se prestarão para rotular os indivíduos;
2. a partir dos resultados, sugere-se o traçado de um perfil do sujeito que retrate os escores nas diversas escalas. O perfil propiciará uma visão compreensiva e não classificatória;
3. o número de itens de cada escala é reduzido (em torno de dez), cobrindo, por essa razão, alguns poucos aspectos da realidade. Será necessário, por isso, proceder a uma análise de conteúdo dos itens para entendermos a que tipo de internalidade nos referimos quando mencionamos essa característica. A abrangência da internalidade está circunscrita aos aspectos que os itens expressam. Não temos a pretensão de avaliar toda a internalidade. E, honestamente, não cremos possível a façanha.

Neste sentido, quando o indivíduo obtiver um baixo escore em internalidade, o resultado deverá ser interpretado à luz do que foi dito. O escore é baixo enquanto medido pela presente escala que se circunscreve a umas poucas áreas do comportamento humano: o mesmo sujeito, quando submetido a uma outra escala referente a outros aspectos da conduta, poderá obter uma alta pontuação na citada dimensão.

E o que dizemos da internalidade, afirmamos a respeito das outras dimensões da escala. A alienação sócio-política ou o controle por poderosos do macro sistema social, o controle por poderosos do micro sistema social e a escala de sorte estão, também, submetidas aos mesmos princípios.

Definições e Escalas

Rotter (1966) assim definiu o controle interno e externo:

Quando um reforço é percebido por um sujeito como não contingente a alguma ação sua, em nossa cultura, percebe tal fato como resultado da sorte, do destino, sob o controle de outros poderosos, ou como imprevisível, dada a grande complexidade das forças que o rodeiam. Quando o acontecimento é interpretado deste modo, se denomina a isto como uma crença em controle externo. Se a pessoa percebe que o evento é contingente à sua conduta ou às suas características relativamente permanentes, se denomina crença no controle interno (Rotter, 1966, p. 1).

A definição do constructo implica elementos comportamentalistas (comportamento, reforço) e cognitivos (percepção, expectativa) e a sua estruturação, no sujeito, se reporta à teoria da aprendizagem social (Rotter, 1954).

No que se refere à avaliação do *locus* de controle, um significativo número de escalas tem sido desenvolvido nos Estados Unidos (Lefcourt, 1981; 1983; 1984).

Barroso (1981) construiu uma escala multidimensional que consiste de vinte e quatro situações distribuídas por partes iguais em duas áreas: realização (na escala e no trabalho) e relações interpessoais (díadas e grupos maiores). As situações estavam igualmente divididas entre resultados de fracasso e de êxito.

Dela Coleta (1979) fez um interessante estudo da escala de *locus* de controle interno-externo de Rotter, indicando-lhe os aspectos positivos e as limitações.

Dela Coleta (1987) traduziu a escala de Levenson e a aplicou a uma amostra de 675 sujeitos, concluindo pela recomendação do uso da escala para o meio brasileiro. A autora acena, contudo, para a necessidade de estudos complementares para uma melhor compreensão do constructo em questão.

Tamayo (1989) publicou, também, um estudo sobre a escala Levenson, no qual os índices de consistência interna (alpha de Cronbach) variaram entre 0,57 e 0,70. O autor, contudo, adverte: "Em geral, a precisão da escala é fraca, não somente da versão brasileira mas também da versão original" (Tamayo, 1989, p. 120).

MÉTODO

A presente escala, na forma atual, é tributária de três estudos: o primeiro procurou identificar os reforçadores e as fontes de controle dos sujeitos da pesquisa; o segundo se constituiu em uma aplicação-piloto do instrumento em sua forma preliminar e, finalmente, um terceiro que testou uma versão ligeiramente modificada das escalas.

Estudo 1: Identificação de reforçadores e fontes de controle

A investigação, nesta fase, teve os seguintes objetivos:

1. Identificar os reforçadores (recompensas, gratificações....) dos sujeitos da pesquisa;
2. Identificar as fontes de controle dos reforçadores indicados pelos sujeitos ou, em outras palavras, identificar os fatores (pessoas, instituições, instâncias...) que têm o controle desses reforçadores;
3. Obter informações, de uma maneira geral, sobre as fontes de controle da vida dos sujeitos.

Sujeitos

Participaram do estudo 227 sujeitos, sendo 112 do sexo masculino e 115 do feminino. 94 eram estudantes de diversos cursos da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (medicina, engenharia, física, química, ciências sociais, estatística, história, artes e pedagogia), 93 eram alunos de cursos diurnos de 2º grau de duas conceituadas escolas particulares e que constituíram o segmento de nível sócio-eco-

nômico médio alto desse nível de ensino. Outros 40 alunos, finalmente, frequentavam um curso noturno de 2- grau de uma escola pública de um bairro popular e que constituíram o grupo de nível sócio-econômico baixo.

Instrumentos e procedimentos

Aplicamos, em sala de aula, a grupos de alunos (entre 10 e 30 sujeitos por grupo), um questionário que era respondido individualmente e que continha, além de dados demográficos, cinco questões que indagavam a respeito das recompensas e gratificações significativas para os sujeitos, assim como perguntavam sobre as fontes de controle das mesmas e sobre o controle em geral. Os respondentes permaneciam no anonimato e a tarefa era realizada em um tempo médio de 30 minutos.

RESULTADOS

O material coletado permitiu o agrupamento das recompensas ou gratificações em cinco áreas: área escolar ou acadêmica, área do trabalho ou ocupacional, área emocional, área recreativa ou do lazer, área de satisfação de necessidades básicas.

As gratificações da área escolar ou acadêmica foram obter boas notas ou conceitos, aprovação na série cursada, conclusão de curso (1º, 2º ou 3º grau), aprovação no vestibular, obtenção de bolsa de estudo, realização de curso de aperfeiçoamento, estudar no exterior, adquirir cultura, ingressar na Universidade Federal e, genericamente, sucesso escolar.

Na área ocupacional ou do trabalho, as gratificações citadas foram o alcance de competência, encontrar trabalho ou emprego, obtenção de um bom salário, promoção no emprego, alfabetizar com êxito, realização profissional e êxito na profissão.

Ser independente, namorar, vencer preconceitos, vencer a timidez, superar problemas, amadurecer, auto-confiança, ser feliz, fazer novas amizades, ter amigos, ca-sar-se, fazer o que gosta, bom relacionamento com a família, receber presentes, receber agradecimentos, elogios, carinho, realização afetiva foram as gratificações mais citadas da área sócio-emocional.

Na esfera recreativa ou de lazer identificamos as seguintes gratificações: viajar, participar de competições esportivas, ser atleta reconhecido, dançar, divertir-se, ouvir música, tocar um instrumento musical, surfar, nadar, dirigir automóvel, ter moto.

Foram indicados, também, reforçadores relacionados com a satisfação de necessidades básicas tais como comer bem, ter moradia, gozar de um sistema de previdência social e segurança pessoal.

Quanto aos fatores de controle das gratificações ou reforçadores, foram indicadas as seguintes instâncias:

1. Controle pessoal. São situações em que o indivíduo percebe que depende dele a consecução das gratificações, atribuindo-as ao próprio esforço, capacidade, inteligência, boa vontade, responsabilidade, coragem, muito estudo, dedicação e uma boa auto-imagem;

2. Controle por parte das pessoas que integram o círculo mais íntimo das relações: namorado(a), esposo(a), amigos, professores, pais, chefe ou supervisor (no trabalho) e a família;

3. Controle por parte de algumas organizações tais como a escola e as igrejas;
4. Controle exercido pelo Estado, pelo governo, pelos legisladores e políticos;
5. Um controle amplo e difuso exercido pela sociedade, seus valores, cultura e sistema sócio-econômico;
6. Gratificações devidas à sorte, ao destino e ao acaso;
7. Controle por parte do poder econômico;
8. Controle exercido pelos meios de comunicação;
9. Controle por parte de Deus.

A análise de conteúdo das instâncias indicadas como controladoras das gratificações podem ser reunidas em quatro grupos ou troncos principais:

1. Controle pessoal. Configura-se a dimensão de intemalidade instrumental: o indivíduo, pelo próprio esforço e/ou capacidade, alcança os seus objetivos (reforçado-res, gratificações);
2. Controle exercido por pessoas que têm poder e que se encontram no micro sistema social do indivíduo: pais, professores, chefe ou supervisor, namorado(a)...;
3. Controle exercido por pessoas e/ou instâncias que têm poder e que se encontram no macro sistema social: governo/estado, legisladores, políticos, detentores do poder econômico, empresários...;
4. A sorte e/ou acaso como distribuidores aleatórios de benesses. O controle exercido por Deus não foi incorporado à presente análise, embora o valor esteja presente na cultura e nas figuras parentais.

Estudo 2: Construção das escalas de *locus* de controle e aplicação-piloto

Após o Estudo 1 e em base ao mesmo foram construídos itens relativos às quatro áreas identificadas pela análise de conteúdo. As escalas foram assim denominadas:

1. Escala de intemalidade instrumental: refere-se a situações em que o indivíduo atinge os seus objetivos (reforçadores) graças ao esforço pessoal e/ou capacidade. Exemplo: "Conseguir um bom emprego depende de minhas capacidades." Dezesete itens foram elaborados;
2. Escala de sorte: os itens (19) se referem a situações em que os reforçadores são concedidos aleatoriamente. Exemplo: "Posso chegar a ser alguém importante se tiver sorte";
3. Escala de alienação sócio-política ou controle por poderosos do macro sistema social: a dimensão faz referência a pessoas com poder que controlam objetivos tais como melhores salários, melhores condições de vida, melhor moradia, consecução da paz... Exemplo: "Os salários dependem dos poderosos e não posso modificar tal situação". Catorze itens constituíram a dimensão;
4. Escala dos poderosos de micro sistema social: os itens (11) aqui reunidos referem-se a pessoas com poder e que controlam o micro sistema social do indivíduo. Pais, professores, chefes ou supervisores... aqui se encontram. "A promoção no trabalho depende do meu chefe (supervisor)", serve de exemplo.

Servimo-nos de nossa experiência e de outras escalas já existentes para a elaboração dos itens.

Aplicamos o instrumento, a seguir, a uma amostra intencional.

Sujeitos

Participaram, nesta etapa, 521 estudantes, dos quais 262 eram do sexo masculino, 258 do feminino e um não respondeu a questão. O 2º grau estava representado por 302 sujeitos e 217 eram do 3º (dois não responderam), estando equilibrados quanto ao sexo. O 2º grau estava constituído de dois grupos distintos: um, representado por indivíduos de nível sócio-econômico médio alto frequentava duas escolas particulares diurnas e de alto padrão de ensino, e mais o Colégio de Aplicação da UFRGS; o outro grupo era constituído de alunos de uma escola pública noturna de um bairro popular e que trabalhavam, a maioria, na jornada diurna - constituindo o nível sócio-econômico baixo.

Os alunos do 3º grau eram de diversos cursos da UFRGS, abrangendo as quatro áreas: tecnologia e ciências exatas, ciências biológicas, filosofia e ciências humanas, artes e letras. O nível sócio-econômico desses alunos não foi controlado.

A idade dos sujeitos apresentava os seguintes parâmetros: média: 19,34; mediana: 18,38; moda: 16. Cerca de dez por cento (10,7%) tinham 14 e 15 anos e apenas 6,3 por cento estavam com 27 anos ou mais.

Instrumentos e procedimentos

O instrumento aplicado era constituído de 61 itens, cobrindo, pretensamente, as quatro dimensões encontradas na análise de conteúdo do estudo 1. As respostas se davam em uma escala de tipo Likert, variando desde "discordo totalmente" (1) até "concordo totalmente" (6), sem contemplar a posição de indeciso.

O questionário foi aplicado em sala de aula, para grupos de alunos, sendo precedido de uma breve explicação dos objetivos da pesquisa (construção de instrumentos de avaliação da personalidade) e era respondido de forma anônima.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os dados foram submetidos à análise fatorial (rotação Varimax, Delta = 0) para verificarmos a validade de construção desde uma perspectiva estatística.

Os resultados comprovaram a existência dos fatores hipotetizados: internalidade instrumental, sorte, alienação sócio-política ou controle por poderosos do macro sistema social e controle por poderosos do micro sistema social. Observamos, contudo, um refinamento na análise dos resultados: o fator 2 agrupou os itens nos quais o controle se dava pela sorte e o fator 5 os itens nos quais o destino era o elemento controlador. A amostra estudada faz, assim, uma discriminação entre sorte e destino, o que não se verificou na escala de Levenson (1973; 1974) onde sorte e destino configuravam a escala de chance. Tal fato pode ter repercutido nos baixos pesos fatoriais de alguns itens da escala norteamericana: por exemplo, o item 24 que utiliza o termo "fate" (destino) possui uma carga de -0,05 (Levenson, 1974). Outra discriminação sutil feita pela amostra é a distinção de três tipos de pessoas com poderes controladoras do micro sistema social do indivíduo: um tipo é o que se situa no meio acadêmico/escolar (professor, diretor, orientador...) e que constituiu o fator 6; o outro é

constituído pelas pessoas que estão no lugar de trabalho (chefe, supervisor, patrão...) e cujos itens foram agregados no fator 7; um terceiro grupo de poderosos e controladores do meio ambiente diz respeito às pessoas com as quais mantemos relações afetivas (pais, namorado(a), esposa(o), amigo...) e que foram agrupados no fator 9. São, realmente, três esferas distintas e potencialmente independentes: o indivíduo pode perceber que o seu chefe tem muito poder sobre a sua vida funcional e não sentir-se controlado pela namorada nem pelo professor. Ou, em outra hipótese, pode perceber que o professor tem muita influência na aprovação/reprovação, mas dadas as características de seu trabalho e ao estilo (democrático) da chefia não se sentir controlado funcionalmente. Não há, em outras palavras, uma correlação necessária entre as três esferas explicitadas, o que determinaria, se houvesse, o agrupamento das mesmas em um único fator. tal não se verifica do ponto de vista conceitual nem se verificou, também, do ponto de vista empírico. Tais resultados erradicam a possibilidade de construir **uma** escala cujos itens reúnam pessoas com poder das três esferas especificadas; poderemos, contudo, construir uma escala para cada uma das áreas aludidas. Optamos, no presente estudo, privilegiar a área funcional e uma perspectiva mais generalizada, no que concerne aos controladores do micro sistema social do indivíduo.

Um terceiro resultado relevante foi internalidade apresentar-se em dois fatores: o fator 3 reuniu os itens nos quais os objetivos/reforçadores são alcançados principalmente graças à competência em relações humanas (Ex.: 'Terei funções importantes porque sei relacionar-me com os demais'), enquanto que o fator 4 agregou os itens nos quais as metas são alcançadas devido ao esforço, ação e capacidade (genericamente), como por exemplo: "O progresso na profissão dependerá de meu esforço e dedicação". Levenson (1974) na sua escala de internalidade utiliza itens de ambos os tipos acima descritos: os itens 1 e 9 envolvem relações humanas, com pesos fatoriais iguais a -0,08 e 0,13, respectivamente - o que contaminou a escala e reduziu a confiabilidade (0,64, segundo o coeficiente alpha de Kuder-Richardson). Outros itens da escala referem-se ao segundo tipo de internalidade (itens 5, 18, 19, 21, 23). Existem, ao menos, dois tipos de internalidade: um que alcança os objetivos através do esforço/ação/trabalho/capacidades (genericamente) e outro que consegue os reforços graças à competência em relações humanas ou a um estilo pessoal de ser. O nosso estudo restringiu-se ao tipo de internalidade que atinge os objetivos através do esforço/ação/capacidades.

O fator 1, por outro lado, reuniu os itens que tratavam da alienação sócio-política ou controle por poderosos do macro sistema social.

Apresentamos, a seguir, a Tabela 1 que explicita os índices de consistência interna (alpha de Cronbach) das escalas referidas.

Os resultados confirmam as escalas. A dimensão poderosos do micro sistema social deverá ser incrementada com outros itens que substituirão os itens com cargas inexpressivas.

Foram feitas, também, análises fatoriais por sexo que confirmaram, em linhas gerais, a análise com a amostra total.

Decidimos, após a análise dos resultados da aplicação-piloto do instrumento, testá-lo por uma segunda vez, com uma amostra ampliada, retirando os itens de cargas inexpressivas e acrescentando outros.

interna das escalas de locus de controle (Estudo 2)

Escalas	Nº de itens	Alpha
Alienação sócio-política	14	0,91
Sorte	14	0,91
Internalidade instrumental	9	0,89
Poderosos do micro sistema social	4	0,65

Estudo 3: Segunda aplicação das escalas de locus de controle

Sujeitos

A amostra esteve constituída de 1.008 sujeitos, dos quais 500 eram do sexo masculino e 475 do feminino (33 não responderam a questão). Eram estudantes do 1º (8ª série), 2º e 3º graus. Os alunos do 1º e 2º graus eram de dois estratos distintos: um grupo (263) era de nível sócio-econômico médio alto e frequentava cursos diurnos de duas conceituadas escolas particulares; o outro (227) representava o nível sócio-econômico baixo e frequentava cursos noturnos de duas escolas públicas de bairros populares (houve problema operacional, de registro, quanto ao nível sócio-econômico de 73 alunos de outra escola pública noturna). O 3º grau, a respeito do qual não se verificou o nível sócio-econômico, esteve representado por 444 alunos de diversos cursos da UFRGS: medicina, odontologia, biologia, economia, engenharia, geologia, geografia, física, química, direito, pedagogia, ciências sociais, história, filosofia, letras e artes. Os grupos de todos os graus e dos dois níveis sócio-econômicos eram equilibrados quanto ao sexo.

No que se refere à idade, a média foi 19,34 e o desvio-padrão 7,27. Os sujeitos de 13,14, e 15 anos representaram 19,3 por cento da amostra, enquanto que os de 16, 17 e 18 perfizeram 30,8 por cento e os indivíduos com 30 anos ou mais alcançaram 9,3 por cento.

Além das variáveis citadas, outras foram avaliadas: o salário dos alunos que trabalhavam, a religião, o nível de escolaridade do pai, da mãe, se primogênito ou não.

Instrumentos e procedimentos

Aplicamos, na oportunidade, um questionário de variáveis demográficas, as escalas de locus de controle e dois outros instrumentos de avaliação de características de personalidade.

O instrumento de avaliação do locus de controle continha 61 itens, a maioria dos quais já tinha sido testada no Estudo 2. Elaboramos novos itens para substituir aqueles que não possuíam as características psicométricas desejáveis. Os itens se referiam às quatro escalas já confirmadas pela análise fatorial realizada anteriormente e as alternativas de respostas eram: Discordo totalmente (1), Discordo bastante (2),

Discordo um pouco (3), Concordo um pouco (4), Concordo bastante (5) e Concordo totalmente (6). As respostas estavam pontuadas de tal maneira que quanto mais alto fosse o escore em uma determinada escala, maior a crença naquela fonte de controle. Assim, por exemplo, um indivíduo com alta pontuação na escala de internalidade instrumental, acreditava que os reforços referidos na escala dependiam do esforço e/ou capacidade pessoais. E, inversamente, quanto menor o escore, mais baixa a expectativa de controle pessoal.

Os instrumentos foram aplicados em sala de aula, para grupos que variavam entre 10 e 40 sujeitos. Instruções por escrito explicavam a maneira de responder a cada questionário, os quais foram preenchidos sem maiores dificuldades.

Análises estatísticas

Foram realizadas as seguintes análises estatísticas (para efeitos do presente artigo):

1. Tabulações cruzadas para verificar a distribuição de frequência da amostra;
2. Provas *t* de Student para verificar o poder discriminativo dos itens. O cálculo de *t* foi realizado contrastando a média dos 50 por cento dos sujeitos acima da mediana, para cada item, com a média dos 50 por cento abaixo da mediana. Evitamos, assim, o contraste (tendencioso) dos 25 por cento superiores com os 25 por cento inferiores, para cada item, que considera apenas uma parte (a metade) das informações disponíveis e com maiores chances de que o cálculo de *t* seja significativo, já que considera apenas os quartis superior e inferior;
3. Análise fatorial, com rotação varimax e oblíqua. Análises fatoriais por sexo também foram realizadas;
4. Cálculo do índice de consistência interna de cada escala, através do *alpha* de Cronbach;
5. Cálculo da correlação de Pearson de cada item com cada um dos demais itens da escala e, também, com a escala total;
6. Correlação de Pearson entre as escalas de *locus* de controle.

As análises estatísticas foram efetuadas com a utilização do pacote SPSS (Nie, Hull, Jenkins, Steinbrenner e Bent, 1975) e os cálculos feitos por computador.

RESULTADOS

O cálculo de *t*, considerando a média dos sujeitos acima da mediana e a média dos abaixo da mesma, para cada item, indicou valores significantes para todos os casos, evidenciando um alto poder discriminativo ($p = 0,001$).

A análise fatorial, com rotação varimax, $\Delta = 0$, apresentou estruturas conceituais mais claras do que a rotação oblíqua, sendo, por isso, selecionada.

Os resultados indicaram 9 fatores com valores próprios (*eigenvalue*) acima de 1,0, explicando 54,5 por cento da variância da prova. Os quatro primeiros eram conceitualmente congruentes e explicavam 45,2 por cento da variância.

A matriz rotada foi, também, analisada.

O fator 1 reuniu os itens que se relacionavam com o controle pessoal, o fator 2 agregou aqueles que tratavam da alienação sócio-política ou controle do macro sistema social por poderosos, enquanto que os itens que atribuíam o controle à sorte foram agrupados no fator 3. O fator 4, finalmente, reuniu os itens nos quais a percepção do controle está associado a pessoas com poder situados no micro sistema social.

Os itens selecionados, para cada fator, foram em função de sua congruência conceitual e de sua carga. O item de menor carga fatorial selecionado alcançou 0,34. Os demais estão além desse patamar.

A Tabela 2 explicita os fatores, itens e respectivas cargas.

Tabela 2 - Fatores, itens e respectivos pesos

Nº do item	Fatores/itens	Pesos Fatoriais
4	Fator 1: Internai idade Instrumental	0,64
10		0,69
14	A promoção no meu emprego (trabalho) dependerá de mim. . 0	0,58
17		
28	Melhorar minhas condições de vida é uma questão de esforço	0,35
34		0,75
43	Conseguir um bom emprego depende de minhas capacidades.	0,76
46		0,73
1 3	Fator 2: Alienação Sócio-Política 0 problema da fome está nas mãos dos poderosos e nada Os preços dependem dos empresários e não posso modificar	0,60
		0,56
6	Não posso influir na solução do problema da moradia, já que	0,66
9	A paz entre os povos depende dos governos e minha contri-	0,56
12	0 problema da poluição está nas mãos do governo e o que eu	0,51
15	Os problemas mundiais estão nas mãos dos poderosos e o	0,73
18	Meu pafs está dirigido por poucas pessoas no poder e o que	0,59
21		0,69

Nº do item	Fatores/itens	Pesos Fatoriais
25	Não tenho influência nas decisões que se tomam relativamente	0,61
33	As guerras dependem dos governos e nada me resta fazer a	0,61
39	A melhoria das condições de vida depende dos poderosos e A	0,67
47	educação do povo depende do governo e não posso fazer	0,55
53	Os salários dependem dos poderosos e não posso modificar	0,60
60	Não posso influir nas condições de vida, já que dependem dos	0,59
2	Fator 3: Sorte	0,53
5	Conseguir um bom emprego para mim, é uma questão de	0,61
8	Conseguir cargos mais elevados no meu trabalho dependerá	0,57
13	Posso melhorar minhas condições de vida se tiver sorte....	0,64
16	Casar-me com a pessoa adequada é questão de sorte.....	0,47
20		0,51
23		0,68
27		0,62
36	Muitas portas se abrirão para mim, se tiver sorte	0,67
59	Posso subir na vida se tiver sorte	0,63
11	Fator 4: Poderosos do Micro Sistema Social O cargo (emprego) que eu ocupar dependerá das pessoas	0,58
19	Para subir na vida necessito ajuda de gente importante.....	0,53
24	Para melhorar minhas condições de vida dependo das pes	0,34
30	soas que têm poder	0,51
44		0,64
50	A minha vida está controlada pelos poderosos	0,63
55	Dependerei das pessoas que têm o poder para manter o meu	0,60
61	Dependo dos poderosos para alcançar os meus objetivos. . .	0,45

Realizamos, também, análises fatoriais por sexo (rotação varimax, Delta = 0). As análises ratificaram, amplamente, os achados com a amostra global.

Os quatro primeiros fatores tanto da amostra feminina como da masculina foram os mesmos da amostra total e todos os itens que tiveram cargas fatoriais significativas (acima de 0,30) com os 1.008 sujeitos tiveram, também, com os sujeitos masculinos e femininos, tomados separadamente. As estruturas fatoriais, em síntese, foram as mesmas. As escalas de *locus* de controle poderão, portanto, ser utilizadas com amostras só masculinas ou só femininas ou de ambos os sexos. A diferença encontrada foi que enquanto internalidade instrumental constituiu o fator 1 e alienação sócio-política o fator 2, para a amostra mista, deu-se o contrário com os sujeitos masculinos.

Os quatro primeiros fatores explicaram 44,3 por cento da variância da prova, no caso da amostra masculina. E no caso feminino, a explicação foi de 46,7 por cento.

Os índices de consistência interna (alpha de Cronbach) das escalas foram calculadas (amostra total) e os resultados encontram-se na Tabela 3.

Tabela 3 - índices de consistência interna das escalas de *locus* de controle (Estudo 3)

Escalas	Nº de itens	Alpha
Internalidade instrumental	8	0,86
Alienação sócio-política 1	14	0,88
Alienação sócio-política II	10	0,85
Sorte	10	0,83
Poderosos do micro sistema social	8	0,78

Uma explicação: no propósito de obter quatro escalas com um número mais homogêneo de itens, propomos uma variante da escala de alienação sócio-política (I), no caso, denominada escala de alienação sócio-política II, que é constituída dos itens de escala de alienação sócio-política I, com exclusão dos itens 3,12, 25 e 47. Obtemos, assim, duas escalas com dez e duas com oito itens.

Foram calculadas, também, as correlações de Pearson do item com cada um dos demais itens da respectiva escala e com a escala total. Os números indicaram expressivas correlações: em nenhum caso a correlação de item com a escala total foi inferior a 0,38 nem superior a 0,73.

As correlações das escalas de *locus* de controle, de umas com as outras, foram também calculadas. A Tabela 4 apresenta os resultados.

A escala de alienação sócio-política utilizada no cálculo das correlações foi a escala com 14 itens.

DISCUSSÃO

Um primeiro aspecto é que se trata de uma escala de avaliação construída na e para a cultura brasileira. Em outra oportunidade chamamos a atenção para os proble-

Tabela 4 - Correlações entre as escalas de *locus* de controle

	Internalidade	Alienação	Sorte	Poderosos do micro sistema social
Internalidade Instrumental				
Alienação sócio-política	-0,014			
Sorte	-0,29 P = 0,000	0,33 P = 0,000		
Poderosos do micro-sistema social	-0,38 P = 0,000	0,36 P = 0,000	0,55 P = 0,000	

mas decorrentes da tradução de instrumentos de outras culturas (La Rosa, 1985), a partir da aplicação das escalas de Rotter e de Levenson para amostras mexicanas.

Uma outra consideração é que estas dimensões (internalidade instrumental, alienação sócio-política, sorte e poderosos do micro sistema social) foram encontradas, também, na cultura mexicana (La Rosa, 1988). O fato se torna, assim, um indício de sua transculturalidade.

Os itens das escalas são redigidos na primeira pessoa do singular, já que o objeto-vo é identificar o ponto de vista do indivíduo e não a crença do povo. A escala de Rotter (1966) não fez esta distinção, apresentando itens em que se solicita, ora a percepção do indivíduo, ora a crença do povo. O fato comprometeu a qualidade do instrumento.

Encontramos, também, uma divisão dos poderosos que exercem o controle: os do macro sistema social (governo, legisladores, empresários...) são percebidos como tendo em suas mãos a solução dos grandes problemas tais como os da fome, moradia, poluição, da guerra e da paz... enquanto que a estabilidade no emprego, a promoção, subir na vida e melhorar as próprias condições de vida são percebidos como dependentes dos poderosos do micro sistema social.

Trata-se de uma escala multidimensional, o que enseja um perfil do indivíduo e não uma tipologia. A aplicação do instrumento propiciará uma visão compreensiva e não classificatória.

Observamos, também, como o instrumento pode ser utilizado tanto com amostras masculinas como com femininas, já que as análises fatoriais por sexo apresentaram resultados similares aos da amostra total.

Os quatro primeiros fatores explicaram 45,2 por cento da variância da prova, o que caracteriza um índice bastante elevado. Levenson (1973; 1974) apresentou percentuais de explicação da variância mais modestos: 31,9 e 32,9 por cento, respectivamente.

As escalas

Internalidade instrumental. A escala de Rotter (1966), na sua bipolaridade interno/externo contemplava a internalidade instrumental.

Mireis (1970) realizou uma análise fatorial com os resultados da aplicação da escala de Rotter: "controle pessoal" foi um dos fatores encontrados e que corresponde à internalidade instrumental.

Levenson (1974) propõe uma escala que se refere à internalidade e à qual denominou "controle interno". Observamos, anteriormente, como essa escala foi contaminada ao incluir itens (1 e 9) que envolvem competência em relações humanas e simpatia, o que resultou em um índice de consistência de 0,64.

Paulhus e Christie (1981) encontraram uma escala com as características da agora proposta, a qual denominaram de "escala de eficácia pessoal".

Alienação sócio-política. A escala pode ser denominada, também, de controle por poderosos do macro sistema social. Um alto escore na escala indica a crença do indivíduo de que grandes problemas que afligem parcelas significativas da população (fome, moradia, educação, poluição...) dependem de pessoas com poder (políticos, governos, empresários...) e não do próprio indivíduo.

A escala foi encontrada, também, na cultura mexicana (La Rosa, 1988).

Os itens 3, 12, 17, 22 e 29 da escala de Rotter (1966) se referem a problemas do macro sistema social. Exemplificando (item 3): "a) Uma das razões pelas quais há guerras é que as pessoas não têm suficiente interesse na política; b) Sempre haverá guerras, ainda que as pessoas trabalhem muito para evitá-las." Os outros itens citados se referem a problemas tais como influir no governo, diminuir a corrupção política e a responsabilidade pelos maus governos.

Collins (1974) encontrou quatro fatores ao aplicar a escala de Rotter no formato Likert: "Mundo Político" foi o quarto fator encontrado e que agregou os itens anteriormente mencionados.

Paulhus e Christie (1981) propuseram uma perspectiva tripartida do controle: eficácia pessoal, controle interpessoal e controle sócio-político.

Sorte. A escala de sorte foi identificada desde os primeiros estudos. Encontra-se, inclusive, entre os elementos que determinaram a crença no controle externo, conforme a definição de Rotter (1966, p. 1). Algumas alternativas de itens propostos pelo autor referido configuram, mesmo, como pertencentes potencialmente a uma escala de sorte.

Diversos estudos confirmam, também, a existência da dimensão: Collins (1974), Gurin e col. (1969), Levenson (1973; 1974), Reid e Ware (1974).

Poderosos do micro sistema social. A dimensão encontra um apoio teórico na definição de controle externo dada por Rotter (1966), na qual o autor especifica que o controle poderá ser exercido por pessoas que detenham poder.

Levenson (1973; 1974) elaborou um instrumento no qual se configura uma dimensão que avalia o controle exercido por pessoas detentoras de poder e denominada controle por outros poderosos (*powerful others*).

A escala foi encontrada, também, na cultura mexicana (La Rosa, 1988).

Correlações entre as escalas

Há alguns resultados correlacionais relevantes.

1. A dimensão internalidade instrumental é independente de alienação sócio-política, o que significa que o indivíduo alto em escore de internalidade poderá ser alto, médio ou baixo em escore na escala de alienação sócio-política.

Dito de outra maneira: o sujeito alto em internalidade poderá ou não estar engajado em movimentos sociais reivindicatórios, ser ou não um militante de partido, participar ou não da associação de bairro, da associação de classe, da luta pelos direitos humanos, da luta contra o racismo...

Trata-se, pois, de um indivíduo cujos objetivos pessoais (os explicitados pela escala) são percebidos como atingíveis. Percebe-se, ao nível pessoal, portador do poder necessário para conseguir as metas individuais.

O engajamento sócio-político (e a alienação, por consequência) depende de outras variáveis, não estando atrelado à internalidade. É uma outra esfera.

A ausência de relação entre internalidade e alienação sócio-política erradica a tipologia interno/externo.

2. Internalidade instrumental, por outro lado, correlaciona-se negativamente com a escala de sorte ($r = -0,29$, $p = 0,000$), um indicativo de quanto maior a crença na sorte como meio de obtenção de gratificações, menor a crença na capacidade e esforço pessoais como mediadores de objetivos individuais e, provavelmente, menor investimento em comportamentos capazes de proporcionar tais gratificações. E, inversamente.

Observamos, desde um outro ângulo, que a percepção de que o controle está nas mãos de pessoas com poder do micro sistema social do indivíduo (poderosos do micro sistema social), associar-se-á com a percepção de uma diminuição do poder pessoal (internalidade), dada a correlação ($r = -0,38$, $p = 0,000$) entre as escalas referidas.

Formulamos, aqui, a partir dos resultados, uma hipótese: a percepção do *locus* de controle está associada à percepção do *locus* do poder, de modo que, quem detiver o poder, deterá, também, o controle. Privilegiamos, assim, a crença em um mundo ordenado, postulando uma relativa proporcionalidade entre os efeitos e suas causas. Seligman (1975), com o estudo da incapacidade aprendida, em um certo sentido, serve de apoio a uma tal posição.

Levenson (1974) e La Rosa (1986) encontraram correlações semelhantes entre as escalas referidas.

3. As escalas de sorte, alienação sócio-política e poderosos do micro sistema social correlacionam-se positiva e significativamente. Observamos, também, que a maior associação se dá entre poderosos do micro sistema social e sorte ($r = 0,55$), o que significa que quanto mais o indivíduo perceber que pessoas com poder controlam sua vida, mais vai abrigar crenças que a sorte poderá trazer-lhe as gratificações de desejadas. Sugerimos, e aqui estamos além das evidências empíricas, que é a percepção de impotência que produz a crença na sorte como a última possibilidade de obtenção dos reforços almejados.

Levenson (1973; 1974) encontrou entre as escalas de chance (sorte) e outros poderosos correlações de 0,54 e 0,59, respectivamente.

Considerações finais

As escalas de *locus* de controle foram encontradas, consistentemente, nos dois estudos realizados no Brasil e agora relatados e, também, em estudos realizados no México (La Rosa, 1988). As escalas de internalidade instrumental, sorte e controle por poderosos do micro sistema social coincidem, em alguns aspectos, com as escalas de Levenson, embora se distingam em pontos relevantes, conforme observado ao longo do estudo - e apresentem índices de consistência interna superiores e superior percentual de variância explicada. E apresentam uma novidade: a escala de alienação sócio-política, o que representa um avanço no estudo do *locus* de controle e na tentativa de avaliá-lo.

REFERÊNCIAS

- Barroso, C. L. M. (1981). La percepción dei control: construcción de una escala multidimensional. Em G. Marin (Org.). *La psicología social en Latinoamérica* (Vol. 2). México: Ed. Trillas. Collins, B. E. (1974). Belief in a difficult world, a just world, a predictable world, and a politically responsive world. *Journal of Personality and Social Psychology*, 29, 381-391. Dela Coleta, J. A. (1979). A escala de *locus* de controle interno-externo de Rotter: um estudo exploratório. *Aquivos Brasileiros de Psicologia*, 31 (4), 167-181. Dela Coleta, M. F. (1987). Escala multidimensional de *locus* de controle de Levenson. *Aquivos Brasileiros de Psicologia*, 39(2), 79-97. Gurin, P., Gurin, G., Lao, R. C., & Beattie, M. (1969). Internal-external control in the motivational dynamics of negro youth. *Journal of Social Issues*, 25, 29-53. La Rosa, J. (1985). Escalas traducidas para medir locus de control: posibilidades y limitaciones. Trabalho apresentado no XX Congresso Interamericano de Psicologia realizado em Caracas, 7-12 de julho. La Rosa, J. (1986). *Escalas de locus de control y autoconcepto: construcción y validación*. México, D.F., Impresos Moya (Tesis de Doctorado, Universidad Nacional Autónoma de México). La Rosa, J. (1988). Locus de control: una escala multidimensional. *Revista de Psicología Social y Personalidad* (México), 4(2), 43-64. Lefcourt, H. M. (1981). *Research with the locus of control construct* (Vol. 1): *Assessment methods*. New York: Academic Press. Lefcourt, H. M. (1983). *Research with the locus of control construct* (Vol. 2): *Developments and social problems*. New York: Academic Press. Lefcourt, H. M. (1984). *Research with the locus of control construct* (Vol. 3): *Extensions and limitations*. Orlando, Florida: Academic Press. Levenson, H. (1973). Multidimensional locus of control in psychiatric patients. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 41, 397-404. Levenson, H. (1974). Activism and powerful others: distinctions within the concept of internal-external control. *Journal of Personality Assessment*, 38, 377-383. May, R. (1973). *Psicologia e dilema humano*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Mireis, H. L. (1970). Dimensions of internal versus external control. *Journal of Consulting and Clinical Psychology, 34*, 226-228.
- Nie, N. H., Hull, C. H., Jenkins, J. G., Steinbrenner, K., & Bent, D. H. (1975). *Statistical package for the social sciences*. New York: McGraw-Hill.
- Paulhus, D., & Christie, R. (1981). Spheres of control: an interactionist approach to assessment of perceived control. Em H. M. Lefcourt (Org.). *Research with the locus of control construct* (Vol. 1): *Assessment methods*. New York: Academic Press.
- Reid, D. W., & Ware, E. E. (1974). Multidimensionality of internal versus external control: Addition of a third dimension and non-distinction of self versus others. *Canadian Journal of Behavioral Sciences, 6*, 131 -142.
- Rotter, J. B. (1954). *Social learning and clinical psychology*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice-Hall.
- Rotter, J. B. (1966). Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological Monographs, 80* (Whole N^o 609).
- Sartre, J. P. (1945). *His cios*. Paris: Gallimard.
- Seligman, M. E. P. (1975). *Helplessness*. San Francisco: Freeman.
- Tamayo, A. (1989). Validade fatorial da escala Levenson de locus de controle. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 5*(1), 111-122.

Recebido em 28/03/91.